

The image features an abstract artwork. On the left side, there are blue and orange shapes, including a blue triangle with an orange star-like shape inside. Below these, there are black lines that resemble a branching structure, possibly a tree or a network. The background is a light, textured surface with some small dark specks.

o sonâmbulo equilibrista  
the balancing act of the sleepwalker  
le somnambule équilibriste.

o sonâmbulo equilibrista  
the balancing act of the sleepwalker  
le somnambule équilibriste



## índice de conteúdos table of contents table des matières

|         |                                                                                                                                         |
|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 4 - 6   | Introdução / Introduction                                                                                                               |
| 8 - 13  | OUVIR natureza / LISTEN to nature / ÉCOUTER la nature                                                                                   |
| 14 - 19 | CULTIVAR relações / NURTURE relations<br>ENTRETENIR les relations                                                                       |
| 20 - 25 | PROTEGER a nossa alma / PROTECT our soul /<br>PROTÉGER notre âme                                                                        |
| 26 - 27 | «LE FUNAMBULE ÉQUILIBRISTE»,<br>Peça sonora produzida por... / Sound piece produced by... /<br>Pièce sonore réalisée par Mélanie Métier |
| 28 - 41 | Produções dos artistas / Artists' productions /<br>Productions des artistes                                                             |
| 30 - 31 | André Almeida e Sousa                                                                                                                   |
| 32 - 33 | Laurent Eisler                                                                                                                          |
| 34 - 35 | Nina Fraser                                                                                                                             |
| 36 - 37 | Mélanie Métier                                                                                                                          |
| 38 - 39 | Aurore Péliçon                                                                                                                          |
| 40 - 41 | Rita Thomaz                                                                                                                             |
| 42      | Referências / References / Références                                                                                                   |
| 43      | Equipa / Team / Équipe                                                                                                                  |
| 44      | DDA Contemporary Art                                                                                                                    |
| 45      | O Gabinete de Madame Thao                                                                                                               |
| 46      | Agradecimentos e créditos / Acknowledgements and credits /<br>Remerciements et crédits                                                  |
| 47      | Parceiros / Partners / Partenaires                                                                                                      |



## Sonâmbulos equilibristas...

No âmbito do programa experimental LABECO, nós, artistas, curadores e agentes culturais de França e de Portugal, fomos convidados a questionar os materiais utilizados nas práticas artísticas, a fim de repensar o lugar do meio natural na criação artística.

Através de visitas a espaços culturais com vocação artística e social, a jardins botânicos e tinturarias, a práticas artísticas em meio rural e urbano, e da imersão em paisagens diversas, explorámos as relações entre criação, território e compromisso durante frutuosas trocas de impressões informais. Neste espírito, e seguindo o exemplo de Félix Guattari, partilhamos - apesar da pluralidade das nossas subjetividades - a convicção de que a ecologia ambiental não pode ser pensada independentemente da ecologia social e da ecologia mental.

Arne Næss, pioneiro do movimento da “ecologia profunda” nos anos 70, recorda-nos que: “O homem não está no topo da hierarquia dos seres vivos, mas faz parte da ecosfera, como uma parte que se encaixa no todo”. O que estas iniciativas culturais e artísticas em Lisboa, na aldeia de São Gregório, em Marselha e em Arles têm em comum é o facto de estarem enraizadas numa relação consigo próprio e com os outros. Este laço essencial e infinitamente rico entre todos os seres vivos está a ser enfraquecido pela normalização que nos é imposta pela nossa sociedade tecnocientífica. No entanto, acreditamos que é possível uma metamorfose, recorrendo a recursos já existentes, tanto culturais como ecológicos, mas também profundamente coletivos e sensíveis.

Partilhamos os nossos modos de ação, as nossas formas de compromisso ecosófico, numa abordagem alimentada pela alegria. Encontramo-nos e, como sonâmbulos que se equilibram na corda bamba, avançamos juntos no fio da imaginação para reconfigurar não só as nossas ações, mas também os nossos desejos.

### Bibliografia

**Næss, Arne,** e **David Rothenberg** (prefácio). *Vers l'écologie profonde*.

Marseille : Éditions Wildproject, collection *Domaine sauvage*, 9 de março de 2017.

**Guattari, Félix.** *Les trois écologies*. Paris : Éditions Galilée, 1989.

**Busuttil, Thomas.** *Pourquoi il faut (re)découvrir les “trois écologies” de Félix Guattari*. Usbek & Rica, 18 de janeiro de 2021.

**Verrax, Fanny.** *L'écologie dans la joie*, Nonfiction.fr, 12 de maio de 2017.

## The Balancing Act of Sleepwalkers...

As part of the LABECO experimental program, we artists, curators and cultural actors from France and Portugal were invited to question the materials used in our artistic practices, in order to rethink the place of the natural environment within artistic creation.

Through visits to cultural venues within an artistic and social vocation including botanical gardens, diverse landscapes and artists' practices in rural and urban areas, we explored the links between creation, territory and commitment during fruitful exchanges and informal discussions. In this spirit, and following the example of Félix Guattari, we share - despite the plurality of our subjectivities - the conviction that environmental ecology cannot be thought of independently of social ecology and mental ecology.

Arne Næss, who pioneered the ‘deep ecology’ movement in the 1970s, reminds us that: ‘Man is not at the top of the hierarchy of living things, but is part of the ecosphere, like a part that fits into the whole’. What these cultural and artistic initiatives in Lisbon, the village of São Gregório, Marseilles and Arles have in common is that they are rooted in a relationship with oneself and with others. This essential and infinitely rich bond between all living beings is currently being undermined by the standardisation imposed on us through our techno-scientific societal thinking.

However, we believe that a metamorphosis is possible, drawing on resources that are already present, both cultural and ecological, but also deeply collective and sensitive.

We share ways of acting, our forms of ecosophical commitment, in an approach fueled by joy. We meet and, like somnambulists balancing on a tightrope, we move forward together on the thread of our imagination to reconfigure not only our actions but also our desires.

### Bibliography

**Næss, Arne,** and **David Rothenberg** (foreword). *Vers l'écologie profonde*.

Marseille : Éditions Wildproject, collection *Domaine sauvage*, 9 March 2017.

**Guattari, Félix.** *Les trois écologies*. Paris : Éditions Galilée, 1989.

**Busuttil, Thomas.** *Pourquoi il faut (re)découvrir les “trois écologies” de Félix Guattari*. Usbek & Rica, 18 January 2021.

**Verrax, Fanny.** *L'écologie dans la joie*, Nonfiction.fr, 12 May 2017.



## Somnambules équilibristes...

Dans le cadre du programme expérimental LABECO, nous, artistes, commissaires, acteurs et actrices culturelles de France et du Portugal, avons été amenés à interroger les matériaux mobilisés dans les pratiques artistiques, afin de repenser la place de l'environnement naturel dans la création artistique.

Après avoir visité des lieux culturels à vocation artistique et sociale, des jardins botaniques et de plantes tinctoriales, découvert des pratiques d'artistes, aussi bien dans des territoires urbains que ruraux, nous avons exploré les liens entre création, territoire et engagement pendant de fructueux échanges de discussions informelles.

Dans cet esprit, et à l'instar de Félix Guattari, nous partageons — malgré la pluralité de nos subjectivités — la conviction que l'écologie environnementale ne peut être pensée indépendamment de l'écologie sociale et de l'écologie mentale.

Arne Næss, à l'initiative dans les années 1970 du mouvement dit d'«écologie profonde» (deep ecology), nous rappelle que : « L'homme ne se situe pas au sommet de la hiérarchie du vivant, mais s'inscrit au contraire dans l'écosphère comme une partie qui s'insère dans le tout. » En effet, ces initiatives culturelles et artistiques rencontrées à Lisbonne, dans le village de São Gregório, à Marseille, à Arles ... ont en commun de s'ancrer dans le rapport à soi et le rapport à l'autre. Ce lien, essentiel et infiniment riche entre tous les êtres vivants, se voit fragilisé par la standardisation que notre société technoscientifique nous impose. Cependant, nous croyons en une métamorphose possible, puisant dans des ressources déjà présentes, à la fois culturelles et écologiques, mais aussi profondément collectives et sensibles.

Nous échangeons sur nos manières d'agir, sur nos formes d'engagements écosophiques, dans une démarche nourrie par la joie. Nous nous réunissons et, en somnambules équilibristes, avançons ensemble sur le fil de l'imaginaire pour reconfigurer non seulement nos gestes mais aussi nos désirs.

### Bibliographie

**Næss, Arne,** et **David Rothenberg** (préface). *Vers l'écologie profonde.*

Marseille : Éditions Wildproject, collection *Domaine sauvage*, 9 mars 2017.

**Guattari, Félix.** *Les trois écologies.* Paris : Éditions Galilée, 1989.

**Busuttil, Thomas.** *Pourquoi il faut (re)découvrir les “trois écologies” de Félix Guattari.* Usbek & Rica, 18 janvier 2021.

**Verrax, Fanny.** *L'écologie dans la joie,* Nonfiction.fr, 12 mai 2017.



# OUVIR a natureza

## LISTEN to nature

### ÉCOUTER la nature

O forte desejo de integrar uma abordagem sustentável na nossa prática artística e a procura de uma mudança, não só nos materiais que utilizamos, mas também na forma como os utilizamos, levou-nos a incorporar elementos e produtos de origem local naturais ou reciclados. Esta matéria-prima, como plantas variadas de que se podem extrair tintas naturais, ou papel feito manualmente, resultante de fibras naturais, permitiu-nos adquirir uma maior consciência das características da terra e dos ciclos sazonais. O fazer artístico foi reinterpretado através de gestos de sintonia e colaboração com o ambiente, em detrimento de um mero acto criativo inconsciente destas questões.

Os workshops focaram-se em técnicas ancestrais e low-tech, como a senga e a impressão ecológica, permitindo o reencontro com conhecimentos incorporados e ecologicamente sensíveis. Estas experiências não foram apenas técnicas, mas também filosóficas, encorajando o grupo a repensar a cadeia de produção, o valor e o custo ecológico oculto do trabalho artístico.

Para além dos materiais, os intercâmbios revelaram a pertinência da interligação entre ambientes urbanos e rurais. Através da partilha, constatamos a importância de um envolvimento consciente na nossa produção artística, quer do contexto, quer da necessária adaptação a este mesmo contexto. Os vários encontros com iniciativas locais fundamentaram ainda mais esta consciência, através de discussões abertas sobre a relação da arte com o mundo real, reforçando a ideia de que a consciência ecológica deve ser tanto local como sistémica.

Em última análise, a nossa abordagem à ecologia ambiental enfatizou a lentidão, a atenção e o respeito pelos processos naturais. Promoveu não só práticas mais ecológicas, mas também uma mentalidade ecológica mais profunda, que resiste a modelos orientados para o consumo em favor de abordagens artísticas enraizadas, reativas e regenerativas.

Driven by a strong desire to integrate sustainable approaches into our artistic processes, emphasizing a shift not only in the materials we use but also how we use them, we engaged with locally sourced, natural, or recycled elements, such as plants for natural dyes or for handmade paper, heightening our awareness of the land's characteristics and seasonal cycles. Artistic gestures were reimagined as acts of attunement and collaboration with the environment, rather than mere acts of creation.

Workshops focused on ancestral and low-tech techniques, like pit fire pottery and eco-printing, offered opportunities to reconnect with embodied, ecologically sensitive knowledge. These experiences were not only technical but philosophical, encouraging us to rethink the production chain, artistic value, and the hidden ecological cost of our work.

Beyond materials, the exchanges revealed a shared interest in reweaving connections between urban and rural environments, recognizing that those involved in the arts must remain context-aware and adaptive. Encounters with local initiatives further grounded the discussions in real-world applications, reinforcing the idea that ecological awareness must be both local and systemic.

Ultimately, our approach to environmental ecology emphasize slowness, attention, and respect for natural processes. It fostered not just greener practices, but a deeper ecological mindset, one that resists consumption-driven models in favor of rooted, responsive, and regenerative artistic approaches.

Animés par un fort désir d'intégrer des approches durables dans nos processus artistiques, mettant l'accent sur un changement non seulement dans les matériaux que nous utilisons mais aussi dans la manière dont nous les utilisons, nous nous sommes engagés avec des éléments d'origine locale, naturels ou recyclés, tels que des plantes pour les teintures naturelles ou pour le papier fait à la main, augmentant notre conscience des caractéristiques de la terre et des cycles saisonniers. Les gestes artistiques ont été imaginés comme des actes de syntonie et de collaboration avec l'environnement, plutôt que comme de simples actes de création.

Des ateliers axés sur des techniques ancestrales et peu techniques, comme la cuisson d'argile primitive, l'éco-impression et la teinture à base de plantes, ont permis de renouer avec un savoir incarné et sensible en lien avec le vivant. Ces expériences n'étaient pas seulement techniques mais aussi philosophiques, nous encourageant à repenser la chaîne de production, la valeur artistique et économique cachée de notre travail.

Au-delà des matériaux, les échanges ont révélé un intérêt commun pour le retissage des liens entre les environnements urbains et ruraux, reconnaissant que les acteurs et actrices de l'art doivent être attentifs au territoire et s'y adapter. La découverte de certaines initiatives a permis d'ancrer les discussions dans des applications concrètes, renforçant l'idée que la conscience écologique doit être à la fois locale et systémique.

En fin de compte, notre expérience de l'écologie environnementale a mis l'accent sur la nécessité de ralentir, et de porter une attention à notre écosystème. Elle a favorisé non seulement des pratiques plus résilientes, mais aussi un état d'esprit plus profond, qui résiste aux modèles axés sur la consommation en faveur d'approches artistiques enracinées, réactives et régénératrices.







1, 2, 3. Visita ao Osso Colectivo, São Gregório /  
Visit to Osso Colectivo, São Gregório / Visite d'Osso  
Colectivo, São Gregório

4, 5. Workshop de fabrico de papel com Rita  
Thomaz / Paper-making workshop with Rita  
Thomaz / Atelier de fabrication de papier avec Rita  
Thomaz

6. Apresentação do trabalho de Rita Thomaz /  
Introduction to Rita Thomaz's practice /  
Présentation de la pratique de Rita Thomaz

7, 8. Apresentação do trabalho de Nina Fraser /  
Introduction to Nina Fraser's practice /  
Présentation de la pratique de Nina Fraser

9. Introdução à impressão em riso na Stolen  
Books, Lisboa / Introduction to riso printing at  
Stolen Books, Lisbon / Introduction à l'impression  
riso à Stolen Books, Lisbonne

10, 11, 12. Visita ao Tinctorium Studio, São  
Domingos de Rana / Visit to Tinctorium Studio, São  
Domingos de Rana/ Visite de Tinctorium Studio,  
São Domingos de Rana

13, 14, 15. Workshop de eco-impressão com Aurore  
Pélisson / Ecoprint Workshop with Aurore Pélisson /  
Atelier d'éco-impression avec Aurore Pélisson

16. Atelier Riso no Noise Paper, Marselha / Riso  
Workshop at Noise Paper, Marseille / Atelier Riso à  
Noise Paper, Marseille

17. Sessão de gravação de som com Mélanie Métier  
na ilha de Frioul / Sound recording session with  
Mélanie Métier at the Friouls Island / Séance  
d'enregistrement sonore avec Mélanie Métier à l'île  
du Frioul

18. Workshop de modelação com Laurent Eisler /  
Modelling Workshop with Laurent Eisler / Atelier  
modelage avec Laurent Eisler

19, 20. Sessão de soenga com Laurent Eisler / Pit  
firing session with Laurent Eisler / Session de  
cuisson primitive avec Laurent Eisler

## CULTIVAR relações NURTURE relations ENTRETEENIR les relations

Mergulhámos num espaço-tempo específico e experimentamos o valor da comunidade através da coabitação, do diálogo e da partilha de objetivos.

Ao longo das duas semanas de intercâmbio em Lisboa e Marselha, apercebemo-nos da força dinâmica do grupo: uma dinâmica marcada pela generosidade, pela atenção e apoio mútuo. O contexto informal (refeições partilhadas, jogos, momentos de dança e riso) foi essencial, assim como a frequência dos vários workshops formais, na construção do espírito de confiança e de pertença de todos os participantes. Esta estrutura informal, substituindo uma hierarquia rígida por uma relação horizontal, permitiu uma colaboração espontânea, alimentando um raro sentido de igualdade e de fluxo coletivo.

A transmissão de conhecimentos também moldou a nossa abordagem às práticas sociais sustentáveis. Sublinhámos a importância de um envolvimento a longo prazo e de respeito com o público, especialmente os que são frequentemente marginalizados ou sub-representados nas artes. Em vez de impor conhecimento, acreditamos no encorajamento à cocriação e na reciprocidade, destacando a necessidade na adaptação dos estilos e formatos de comunicação a diferentes contextos comunitários. Esta filosofia indica a necessidade de repensar o papel do artista, não como um criador solitário, mas como um agente social inserido no seu território.

As visitas a iniciativas locais como OSSO, Largo Residências e Ateliers Jeanne Barret, ofereceram modelos fundamentados de integração artístico-social - projetos que colocam o envolvimento da comunidade e/ou a prática ecológica no centro da sua missão. Estas experiências mostraram como a arte pode funcionar como um tecido conjuntivo nos ecossistemas locais, ativando a inteligência coletiva e a coesão social.

Acreditamos numa ecologia social de confiança, inclusão e responsabilidade partilhada. Ao fazê-lo, esta experiência ajudou-nos a avançar para uma visão da arte que não é apenas socialmente consciente, mas também socialmente transformadora.

We immersed ourselves in a space-time where we could experience community through cohabitation, dialogue, and shared purpose.

Throughout both exchange weeks in Lisbon and Marseille, we noted the strength of the group dynamic: one marked by generosity, attentiveness, and mutual support. Informal settings (shared meals, games, moments of dance and laughter) were as significant as formal workshops in building trust and belonging. This informal structure allowed for horizontal relationships and spontaneous collaboration, nurturing a rare sense of equality and collective flow.

The transmission of knowledge has also shaped our approach to sustainable social practices. We emphasize the importance of long-term, respectful engagement with audiences, especially ones often marginalized or under-represented in the arts. Rather than imposing knowledge, we believe in encouraging co-creation and reciprocity, with a focus on adapting communication styles and formats to different community contexts. This aligns with a broader call to rethink the role of the artist not as a solitary creator, but as a social agent embedded in their territory.

Visits to local initiatives such as OSSO, Largo Residências and Ateliers Jeanne Barret offered grounded models of artistic-social integration - projects that place community involvement and/or ecological practice at the core of their mission. These experiences show how art can operate as a connective tissue within local ecosystems, activating collective intelligence and social cohesion.

We believe in a social ecology of trust, inclusion, and shared responsibility. In doing so, this experience has helped us to move towards a vision of art that is not only socially aware, but also socially transformative.

Nous nous sommes immergés dans un espace-temps où nous avons pu faire l'expérience de la communauté par la cohabitation, le dialogue et le partage d'objectifs. Tout au long des deux semaines d'échanges à Lisbonne et à Marseille, nous avons constaté la force de la dynamique de groupe, marquée par la générosité, l'attention et le soutien mutuel. Les cadres informels (repas partagés, jeux, moments de danse et de rire) ont joué un rôle aussi important que les ateliers formels dans l'instauration de la confiance et de l'appartenance. Ce cadre a permis des relations horizontales et une collaboration spontanée, nourrissant un rare sentiment d'égalité et de flux collectif.

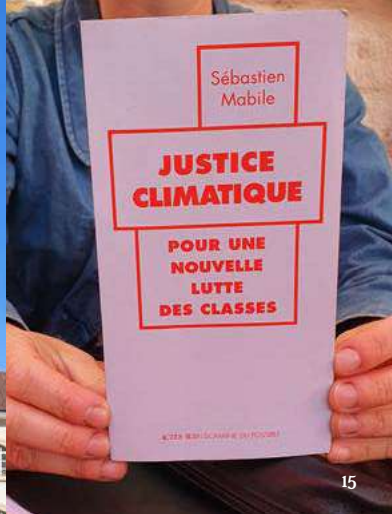
La méthode de transmission de nos connaissances a également façonné notre conception de pratiques sociales durables. Nous avons identifié l'importance d'un engagement à long terme et respectueux avec les publics, en particulier ceux qui sont souvent marginalisés ou sous-représentés dans les arts. Plutôt que d'imposer des connaissances, nous pensons qu'il faut encourager la co-création et la réciprocité, en mettant l'accent sur l'adaptation des styles et des formats de communication aux différents contextes communautaires. Cette démarche s'inscrit dans le cadre d'un appel plus large à repenser le rôle de l'artiste non pas en tant que créateur solitaire, mais en tant qu'agent social ancré dans son territoire.

Les projets OSSO, Largo Residências et Ateliers Jeanne Barret nous ont permis de découvrir des modèles concrets d'intégration artistique et sociale - ces projets qui placent l'implication de la communauté et/ou la pratique écologique au cœur de leur mission. Ces expériences ont montré comment l'art peut fonctionner comme un tissu conjonctif au sein des écosystèmes locaux, activant l'intelligence collective et la cohésion sociale.

Nous croyons en des approches centrées sur la confiance, l'inclusion et la responsabilité partagée. Ce faisant, cette expérience nous a fait progresser sur une vision de l'art qui n'est pas seulement socialement consciente, mais aussi transformatrice.







15



14



16



17



20



18



19

1, 20. Visita guiada à exposição “La Mythologie des Bordures” em Jeanne Barret, Marselha / Guided tour of the exhibition «La Mythologie des Bordures» at Jeanne Barret, Marseille / Visite guidée de l'exposition «La Mythologie des Bordures» à Jeanne Barret, Marseille

2, 3. Visita a Base, Lisboa / Visit to A Base, Lisbon / Visite de A Base, Lisbonne

4, 5, 6, 7. Visita ao Osso Colectivo, São Gregório / Visit to Osso Colectivo, São Gregório / Visite d'Osso Colectivo, São Gregório

8, 9, 10, 11. Visita a Largo residências, Lisboa / Visit to Largo residências, Lisbon / Visite de Largo residências, Lisbonne

12. Visita ao Chão das Artes, Casa da Cerca, Almada / Visit to Chão das Artes, Casa da Cerca, Almada / Visite du Chão das Artes, Casa da Cerca, Almada

13. Apresentação pública «Iniciativas em Portugal para uma prática artística sustentável», no Gabinete de Madame Thao, com... / Public presentation «Initiatives in Portugal for a Sustainable Art Practice» at O Gabinete de Madame Thao, with... / Présentation publique «Initiatives au Portugal pour une pratique artistique durable » au Cabinet de Madame Thao, avec Annette Brinckerhoff, (Tinctorium Studio), Beatriz Manteigas (Quinta das Relvas Association), Rita Thomaz (Osso Colectivo)

14, 15. Visita ao Mas Baudran, Arles / Visit to Mas Baudran, Arles / Visite du Mas Baudran, Arles

16, 17. Visita ao Atelier Luma, Arles / Visit to Atelier Luma, Arles / Visite de l'Atelier Luma, Arles

18, 19. Apresentação pública de “Encontros baseados em experiências com materiais” em Jeanne Barret, com... / Public presentation «Meeting on experiments with materials» at Jeanne Barret, with... / Présentation publique «Rencontre autour d'expérimentations sur les matériaux» à Jeanne Barret avec Axelle Gisserot (Atelier Luma), Marine Coutelas, Collectif Polymer, Mélanie Legas

19

## PROTEGER a nossa alma PROTECT our soul PROTÉGER notre âme

Partilhámos sem rede, modos de pensar, abalando os nossos pontos de referência habituais, guiados por uma onda de resistência interior às normas dominantes. Criámos uma caixa de ressonância, aberta à escuta e à curiosidade, propícia à transformação, protegendo-nos das pressões da produtividade e do desempenho. As trocas informais, as improvisações partilhadas e a estrutura fluida dos workshops permitiram o surgimento de novas ideias e realinhamentos artísticos.

Esta liberdade abriu a porta a uma introspeção crítica, permitindo-nos clarificar a nossa posição dentro do espectro do pensamento ecológico - não se limitando a preocupações ambientais, mas estendendo-se a domínios políticos, sociais e existenciais. As discussões sobre temas como a comunidade, as escolhas sensuais dos materiais e a ética da partilha de conhecimentos, guiaram-nos para a afirmação de que a lentidão, o prazer e o cuidado podem ser valores artísticos em si mesmos. Foi-nos dado tempo para refletir não só sobre o que criamos, mas também sobre porquê e como, onde e quando... e que tipo de mundo estamos a moldar nesse processo.

A filosofia, a teoria do som, a antropologia e a literatura foram entrelaçadas no diálogo artístico, alimentando as nossas paisagens mentais. As trocas interculturais e interdisciplinares, incluindo as que transcendiram as barreiras linguísticas, estimularam novas questões sobre identidade, território e responsabilidade artística. Muitos falaram do desejo de continuar a trabalhar com os indivíduos e as estruturas encontradas durante o programa. Desta forma, esta experiência agiu como um catalisador para re- pensar os nossos papéis como artistas dentro de um sistema mais amplo e interligado.

We shared a lively way of thinking, in which our usual points of reference were shaken, guided by a surge of inner resistance to the dominant norms. We created a sounding board, open to listening and curiosity, conducive to transformation, protecting us from the pressures of productivity and performance. Informal exchanges, shared improvisations, and the fluid structure of the workshops allowed for an emergence of new ideas and artistic realignment.

This mental freedom opened the door to critical introspection, enabling us to clarify our position within the spectrum of ecological thinking - not limited to environmental concerns, but extending into political, social, and existential realms. Discussions on topics such as community, the sensual choices of materials, and the ethics of sharing knowledge guided us toward the affirmation that slowness, pleasure, and care could be artistic values in themselves. We were offered time to reflect on not just what we create, but why and also how, where and when... and what kind of world we are shaping in the process.

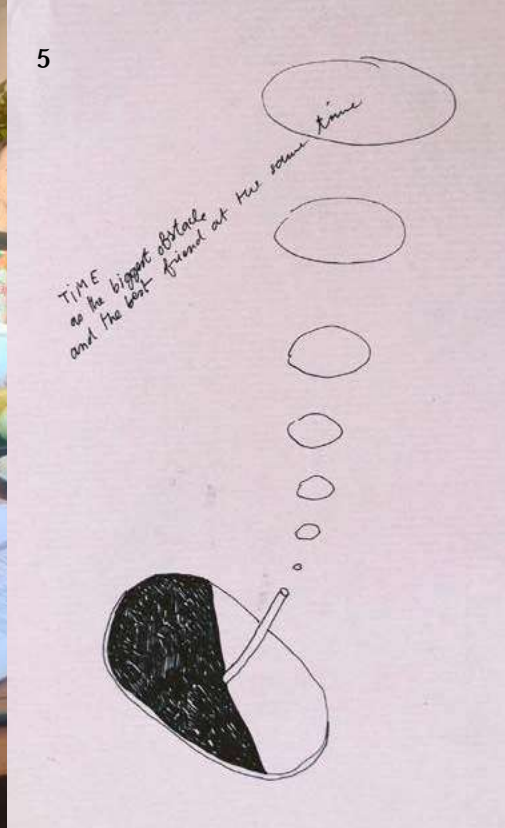
Philosophy, sound theory, anthropology, and literature were woven into the artistic dialogue, feeding our mental landscapes. Cross-cultural and interdisciplinary exchanges, including those that transcended language barriers, stimulated new questions about identity, territory, and artistic responsibility. Many spoke of a desire to continue working with the individuals and frameworks encountered during the program. In this way, this experience acts as a catalyst for reimagining our roles as artists within a broader, interconnected system.

Nous avons librement échangé, nos repères habituels ont été ébranlés, guidés par un élan de résistance intérieure aux normes dominantes. Nous avons créé une caisse de résonance, ouverte à l'écoute et à la curiosité, propice à la transformation, nous protégeant ainsi des pressions de la productivité et de la performance. Les échanges informels, les improvisations partagées et la fluidité des ateliers ont permis l'émergence de nouvelles idées et de réalignements artistiques.

Cette liberté mentale a ouvert la porte à l'introspection critique, nous permettant de clarifier notre position dans le spectre de la pensée écologique qui ne se limite pas aux enjeux environnementaux, mais embrasse également les sphères politique, sociale et existentielle. Des discussions sur des sujets tels que la communauté, le rapport sensible aux matériaux et l'éthique du partage des connaissances nous ont guidé vers l'affirmation que la lenteur, le plaisir et l'attention sont des valeurs éthiques en résonance avec notre recherche artistique. Nous avons non seulement réfléchi à ce que nous créons, mais aussi sur les motivations, les méthodes, le contexte spatial et temporel... quel monde naît de ce processus ?

La philosophie, la théorie du son, l'anthropologie et la littérature ont tourbillonné autour de nous alimentant nos paysages mentaux. Les échanges interculturels et interdisciplinaires, y compris ceux qui ont transcendé les barrières linguistiques, ont stimulé de nouvelles questions sur l'identité, le territoire et la responsabilité artistique. Nombreux sont ceux qui ont exprimé le désir de continuer à travailler avec les personnes rencontrées dans ce cadre. Cette expérience a catalysé nos imaginaires respectifs pris dans un écosystème plus large et interconnecté.







1, 21, 22. Sessão de audição da peça sonora “Le mini monde” dirigida por Mélanie Métier / Listening session of the sound piece ‘Le mini monde’ directed by Mélanie Métier / Séance d’écoute de la pièce sonore «Le mini monde» réalisée par Mélanie Métier

2. Reunião introdutória no Gabinete de Madame Thao / Introductory meeting at O Gabinete de Madame Thao / Réunion d’introduction au Gabinete de Madame Thao

3, 4. Visita ao atelier de André Almeida e Sousa / Visit to André Almeida e Sousa’s studio / Visite de l’atelier d’André Almeida e Sousa

5. Sessão de brainstorming / Brainstorming session / Session de reflexion

6, 7, 8. Apresentação do trabalho de Rita Thomaz / Presentation of Rita Thomaz’s work / Présentation du travail de Rita Thomaz

9, 10. Sessão de balanço na Cova do Vapor / Debriefing session in Cova do Vapor / Session debriefing à Cova do Vapor

11. Visita ao Stolen Books, Lisboa / Visit to Stolen Books, Lisbon / Visite de Stolen Books, Lisbonne

12. Apresentação do trabalho de Nina Fraser / Presentation of Nina Fraser’s work / Présentation du travail de Nina Fraser

13. Visita ao Chão das Artes, Casa da Cerca, Almada / Visit to Chão das Artes, Casa da Cerca, Almada / Visite du Chão das Artes, Casa da Cerca, Almada

14. Workshop de modelação com Laurent Eisler / Modelling workshop with Laurent Eisler / Atelier modelage avec Laurent Eisler

15. Apresentação do trabalho de Aurore Pélisson / Presentation of Aurore Pélisson’s work / Présentation du travail d’Aurore Pélisson

16, 17, 18, 19, 20. Workshop Riso na Noise Paper / Riso workshop at Noise Paper / Atelier riso à Noise Paper

23, 24. Sessão de gravação de som com Mélanie Métier na ilha de Frioul / Sound recording session with Mélanie Métier at the Friouls Island / Séance d’enregistrement sonore avec Mélanie Métier à l’île du Frioul

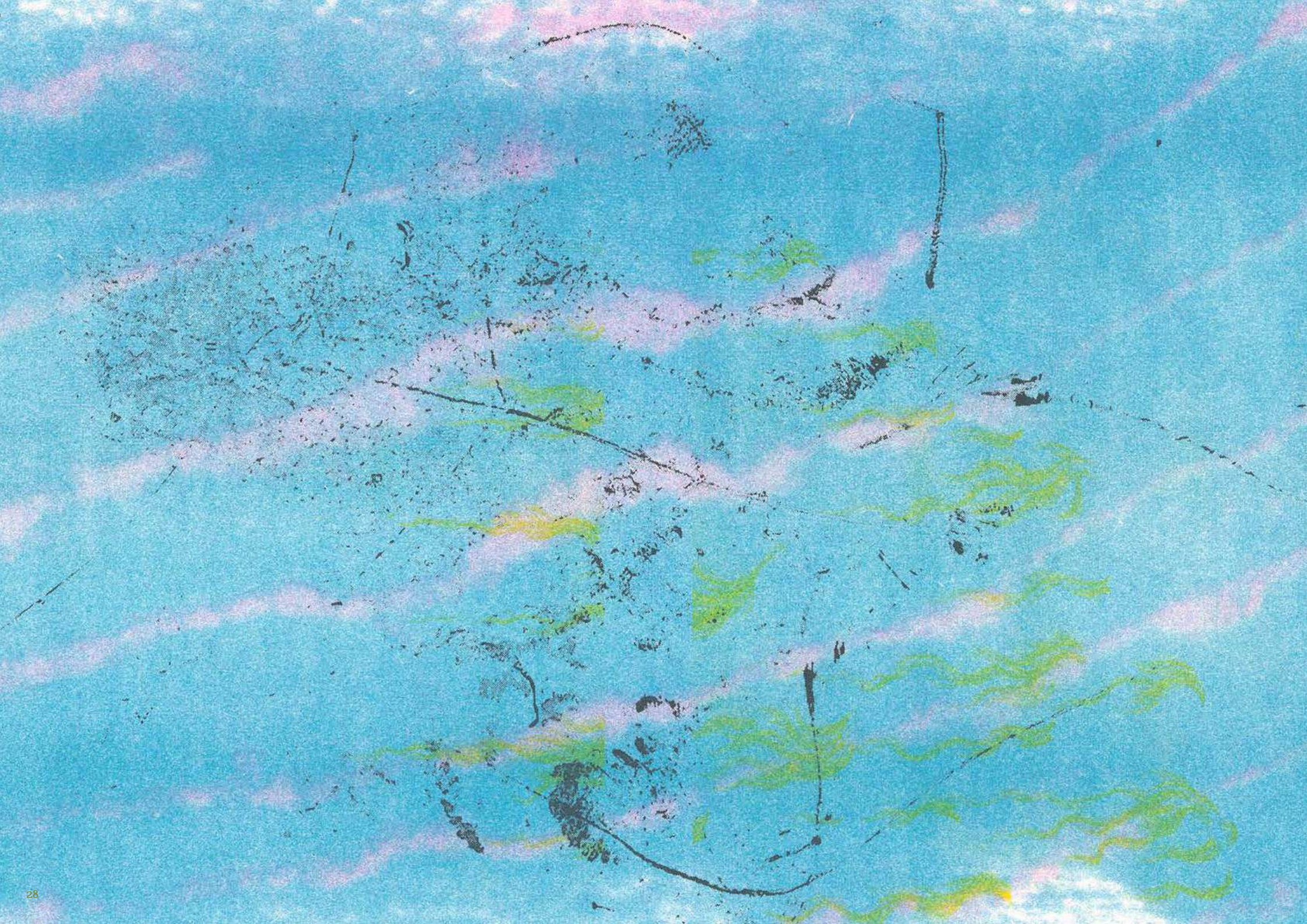
25, 26, 27. Noite Labeco em Jeanne Barret / Labeco evening at Jeanne Barret / Soirée Labeco à Jeanne Barret



# «LE FUNAMBULE ÉQUILIBRISTE»

Peça sonora produzida por Melanie Métier, gravada na ilha do Frioul com os artistas Labeco  
 Sound piece produced by Melanie Métier, recorded on the Frioul island with Labeco artists  
 Pièce sonore réalisée par Melanie Métier, enregistrée à l'île du Frioul avec les artistes du Labeco





artistas  
artists  
artistes

André ALMEIDA E SOUSA

Packed and moody, a imparável Marseille.  
Vemos com tudo o que trazemos,  
mas, as ruas caóticas de cheiro conhecem a luz amarela  
cravada no topo dos prédios.  
São fugazes e atentos estes relógios de sol, uniformizam  
impossivelmente os bairros.  
Repetidas persianas de esmalte descascado. Jardins interiores,  
incongruentes, cheios como pessoas.  
Profusão de extensões de pestanas. Caras urbanas  
absurdamente novas esquecem a alvenaria sem elevadores.  
De repente,  
toda a magnífica solidão solar de Van Gogh em Arles  
e a elegância nem sempre compreendida do tempo que nos invade.  
Entre sotaques. Entre notas. Entre mundos.  
Il fait beau, ce bruit (o numero de passadas registadas na App).  
C'est vraiment ok, não ter punchline,  
as nuances das bocas, falando fora do cronómetro implacável.  
Tu tires ou tu pointes, repetem as gaivotas na loucura do bafo do Sul.  
Bolano a dit: “fragile teenagers, Rimbaud et Lautreamont”,  
Ça suffit, sagrado vento!  
Segue na pele dos velhos portões cobertos de hera, no  
cânhamo dos labirintos, nos brinquedos abandonados, nas invasoras  
e nas plantas aromáticas e nespereiras teimosas. O que  
imprimem?  
Vestimos de pausa o fogo,  
para que mulheres mágicas nos falem na frequência certa do rádio a  
pilhas na mão.  
Maintenant nous sommes brothers  
Listen: é um lugar,  
c'est tellement beau!  
Bem melhor do que queimar livros.

Packed and moody, unstoppable Marseille.  
We see with everything we bring,  
but the chaotic, fragrant streets recognize the yellow  
light carved in the tops of the buildings.  
These sundials are fleeting and attentive, doing the  
impossible - uniting the neighborhoods.  
Uniform shutters with peeling enamel. Interior  
gardens, incongruent, full, like people.  
A profusion of eyelash extensions. Absurdly young  
urban faces forget the masonry without elevators.  
Suddenly,  
all the magnificent solar solitude of Van Gogh in  
Arles  
and the not-always-understood elegance of time that  
invades us.  
Between accents. Between notes. Between worlds.  
Il fait beau, ce bruit (the number of steps  
recorded in the App).  
It's really ok, not to have a punchline,  
the nuances of mouths, speaking outside the  
relentless chronometer.  
Tu tires ou tu pointes, repeat the seagulls in the  
madness of the southern breeze.  
Bolano says: “fragile teenagers, Rimbaud and  
Lautreamont”,  
Ça suffit, sacred wind!  
It follows the skin of the old gates covered in ivy, in  
the hemp of the labyrinths, in the  
abandoned toys, in the invasive plants  
and in the aromatic plants and stubborn  
medlar trees. What do they imprint?  
We dress the fire as a pause,  
so that the magical women speak to us on the right  
frequency of the battery-powered radio in our  
hands.  
Maintenant nous sommes brothers  
Listen: it's a place,  
c'est tellement beau!  
Much better than burning books.

Packed and moody, l'inarrêtable Marseille.  
Nous voyons avec tout ce que nous apportons,  
mais les rues chaotiquement odorantes, reconnaissent la lumière  
jaune incrustée dans les toits.  
Ils sont fugaces et attentifs, ces cadrans solaires, et  
uniformisent incroyablement les quartiers.  
Des volets répétés à l'émail décollé. Des jardins intérieurs,  
incongrus, aussi remplis que les gens.  
Profusion d'extensions de cils. Visages urbains, absurdement  
nouveaux, qui oublie la maçonnerie sans ascenseurs.  
Soudainement,  
toute la magnifique solitude solaire de Van Gogh à Arles  
et l'élégance pas toujours comprise du temps qui nous envahit.  
Entre les accents. Entre les notes. Entre les mondes.  
Il fait beau, ce bruit (le nombre de pas enregistrés sur l'App).  
C'est vraiment ok, pas de punchline,  
les nuances de bouches, parlant hors du chronomètre  
implacable.  
Tu tires ou tu pointes, répètent les mouettes dans la folie de la brise  
du sud.  
Bolano disait : « adolescents fragiles, Rimbaud et  
Lautréamont »,  
Ça suffit, sacré vent!  
Il suit la peau des vieilles portes couvertes de lierre, le chanvre des  
labyrinthes, les jouets abandonnés, les invasives  
et les plantes aromatiques et les néfliers tenaces. Qu'est-ce qu'ils  
impriment ?...  
Nous habillons le feu en pause,  
pour que les femmes magiques nous parlent sur la bonne fréquence  
de la radio à piles entre nos mains.  
Maintenant nous sommes brothers  
Listen: c'est un endroit,  
c'est tellement beau!  
Bien mieux que de brûler des livres.

OUVIR  
LISTEN  
ÉCOUTER



Lisboa Lisbon Lisbonne, Portugal  
<https://www.instagram.com/andrealmeidaesousa/>



Laurent EISLER

Somnambule équilibriste

Dans le vaste cirque de la création, l'artiste marche sur le fil dans une interdépendance avec le public et les institutions. Dans une tentative d'interaction avec son environnement, iel tend une corde arrimée solidement à son ambition puis, pas à pas, cherche l'équilibre entre inspiration, subsistance, reconnaissance, liberté et quantité de lests faisant irrémédiablement fléchir la corde sur laquelle iel marche dans l'espoir d'enfin toucher le sol. Tel un.e somnambule dont les facultés cognitives toujours actives lui permettent de rester debout, iel rêve à une écologie globale dans laquelle iel trouverait sa place, au sein d'un écosystème politico-éthique juste.

Balancing act of the sleepwalker

In the vast circus of creation, the artist walks a tightrope in an interdependent relationship with the public and institutions. In an attempt to interact with their environment, they stretch out a rope firmly attached to their ambition and then, step by step, seek the balance between inspiration, sustenance, recognition, freedom and the number of weights that irreparably bend the rope on which they walk in the hope of finally touching the ground. Like sleepwalkers whose ever-active cognitive faculties keep him on his feet, they dream of a global ecology in which they can find their place, within a just political and ethical ecosystem.

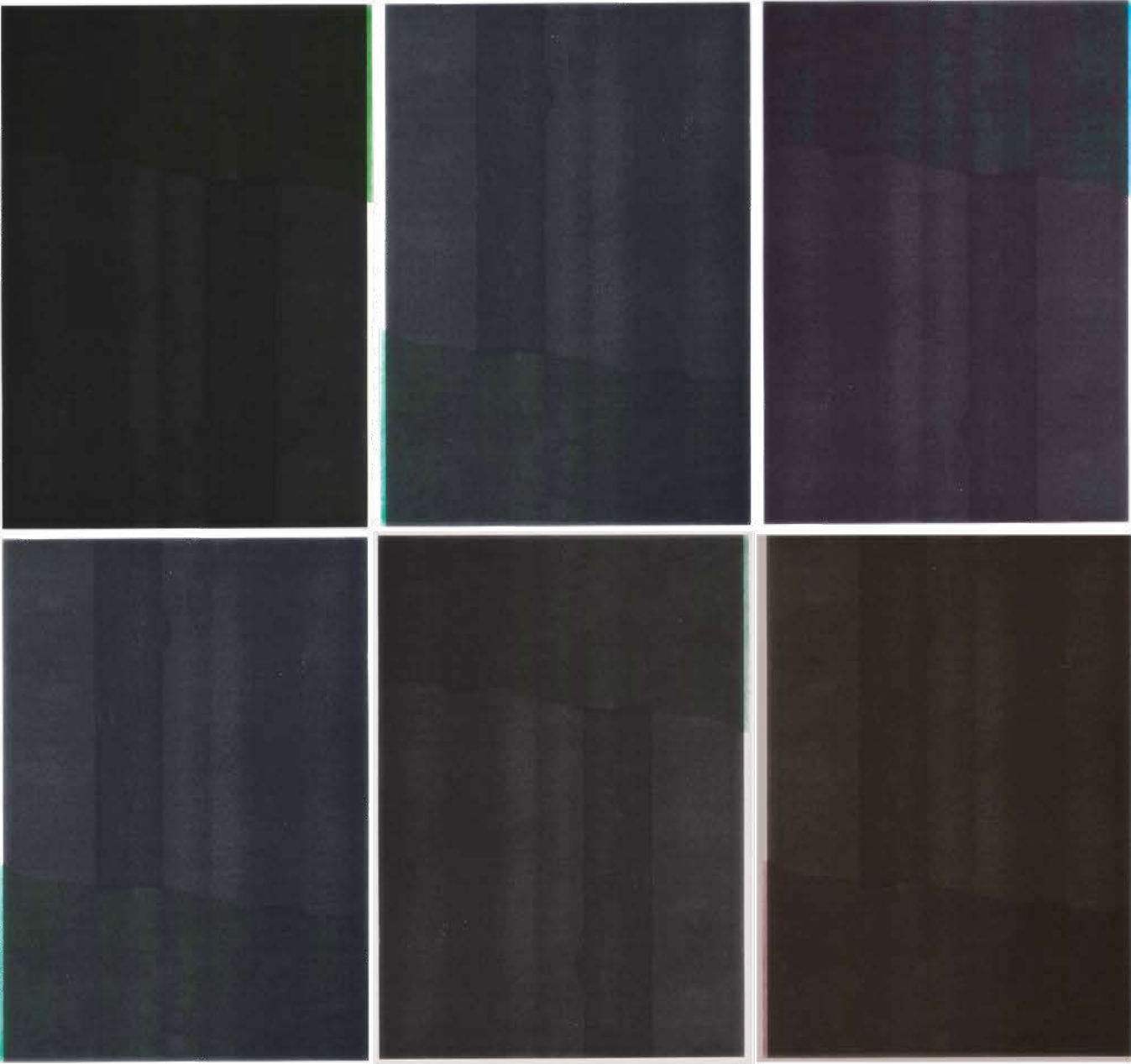
Equilíbrio sonâmbulo

No vasto circo da criação, o artista caminha na corda bamba numa relação de interdependência com o público e as instituições. Na tentativa de interagir com o seu ambiente, estende uma corda firmemente presa à sua ambição e depois, passo a passo, procura o equilíbrio entre a inspiração, o sustento, o reconhecimento, a liberdade e o número de pesos que dobram irremediavelmente a corda sobre a qual caminha, na esperança de finalmente tocar o chão. Como um sonâmbulo cujas faculdades cognitivas sempre activas o mantêm de pé, sonha com uma ecologia global na qual possa encontrar o seu lugar, num ecossistema político e ético justo.

OUVIR  
LISTEN  
ÉCOUTER



Marselha Marseille, França France  
<https://www.instagram.com/laurenteisler/>



What can you do on a tightrope?

(don't look down)

If you feel able, look around.  
Are there clouds?  
Do they seem to be able to hold you?  
(Remember they are clouds, of an unknown substance)

What else can you do?

Listen.  
Listen to the gulls, the large ones and the small ones.. the other sounds, the aircraft full of people with headphones, the babies crying, the radio frequency.  
tune in.

humans as radios with their own frequencies, concerns, tensions...

Tension is absolutely necessary for a tightrope to function.

Take a step..

(don't look down)  
Re-stabilize, re-align yourself as best you can.  
Recommit to the path, to the line. Take a deep breath.  
Look around.

Where are you now?  
What do you see?

A focus point within a sort of chaos. A kind of alchemy.  
Another tightrope,  
and another.  
Criss-crossing like a grid.

Another sleepwalker, balancing on their own line.

Reach out. Grab a hand.  
It might help to stabilize you (or not)

What did you learn?  
Thank it, whatever it did.  
You are not asleep after all. It's a game.  
Together, we extend time. We bend our tightropes together  
we all have our own line...  
our own way to find freedom.

O que fazer numa corda bamba?

(não olhes para baixo)

Olha à tua volta, sentes- te capaz?  
Existem nuvens?  
Julgas que te podem segurar?  
(Lembra-te que são nuvens, feitas de uma substância desconhecida)

Que mais podes fazer?

Ouve.

Ouve as gaivotas, as grandes e as pequenas... outros sons. O avião cheio de pessoas com auscultadores. O choro de bebés. A frequência da rádio.

sintoniza-te

os seres humanos são como rádios com as suas frequências próprias, as preocupações, tensões...

A tensão é absolutamente necessária para que a corda funcione.

Dá um passo...

(não olhes para baixo)

Re estabiliza-te e re alinha-te o melhor que pudes.  
Recomeça o caminho. A linha. Respira fundo.  
Olha à tua volta.

Onde estás agora?  
O que vês?

Um ponto de focagem dentro da presença do caos. Um género de alquimia.  
Outra corda bamba,  
e outra.

Cruzam-se e desenham uma grelha.

Apercebes-te de outro caminhante adormecido que avança, que se equilibra na sua própria linha.

Estende-lhe a mão. Agarra-a.

Pode ser que te ajude a manteres o equilíbrio (ou não)

O que aprendeste?  
Agradece-lhe, e ao que quer que seja que tenha feito.  
Afinal, não estás a dormir. É um jogo.  
Juntos prolongamos o tempo. Tecemos as cordas.  
Todos percorremos a nossa própria linha...  
o caminho único onde encontraremos a liberdade.

OUVIR  
LISTEN  
ÉCOUTER



Alcochete, Portugal  
<https://www.ninafraser.xyz/>

Que peut-on faire sur une corde raide ?

(ne regardez pas en bas)

Si vous vous en sentez capable, regardez autour de vous.  
Y a-t-il des nuages ?  
Semblent-ils pouvoir vous retenir ?  
(N'oubliez pas qu'il s'agit de nuages, d'une substance inconnue)

Que pouvez-vous faire d'autre ?

Écoutez.

Écoutez les mouettes, les grandes et les petites, les autres sons, les avions remplis de gens avec des écouteurs, les bébés qui pleurent, les fréquences radio.

écoutez

les êtres humains sont des radios avec leurs propres fréquences, pré-occupations, tensions...

La tension est absolument nécessaire pour qu'une corde raide fonctionne.

Faites un pas...

(ne regardez pas en bas)

Re-stabilisez, ré-alignez vous du mieux que vous pouvez. Engagez-vous à nouveau sur le chemin, sur la ligne. Respirez profondément, regardez autour de vous.

Où êtes-vous maintenant ?  
Que voyez-vous ?

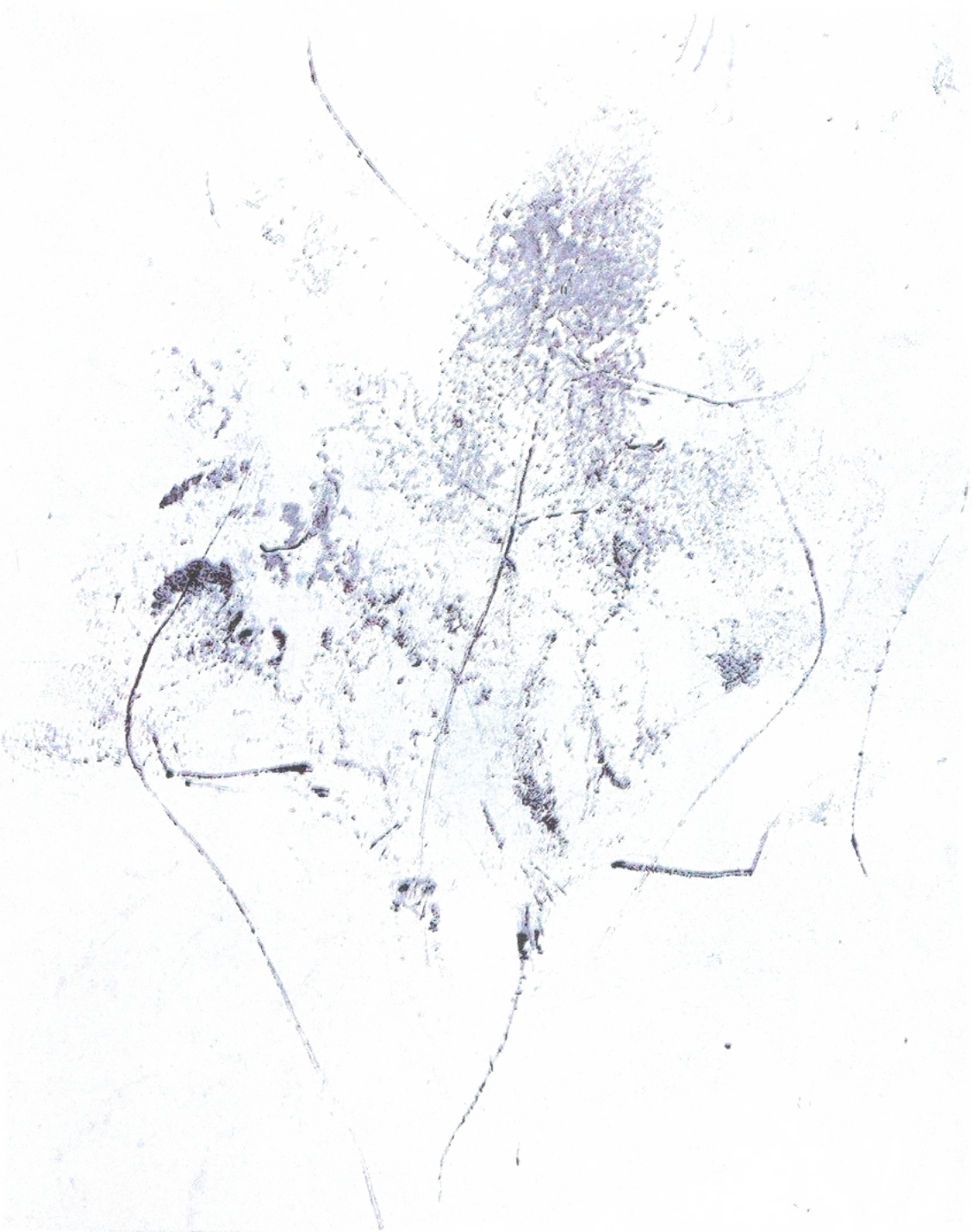
Un point focal dans une sorte de chaos. Une sorte d'alchimie.  
Une autre corde raide,  
et encore une autre.

S'entrecroisant comme une grille.

Un autre somnambule, en équilibre sur sa propre ligne.

Tendez la main. Saisissez une main.  
Cela pourrait vous aider à vous stabiliser (ou pas).

Qu'avez-vous appris ?  
Remerciez-la, quoi qu'elle ait fait.  
Vous n'êtes pas endormi après tout. C'est un jeu.  
Ensemble, nous prolongeons le temps.  
Nous courbons nos cordes raides ensemble, nous avons tous notre propre ligne...  
notre propre façon de trouver la liberté.



Dans le creux de ma main  
un oiseau  
des brindilles  
une petite larme  
à côté d'une petite flamme  
et les deux brillent ensemble

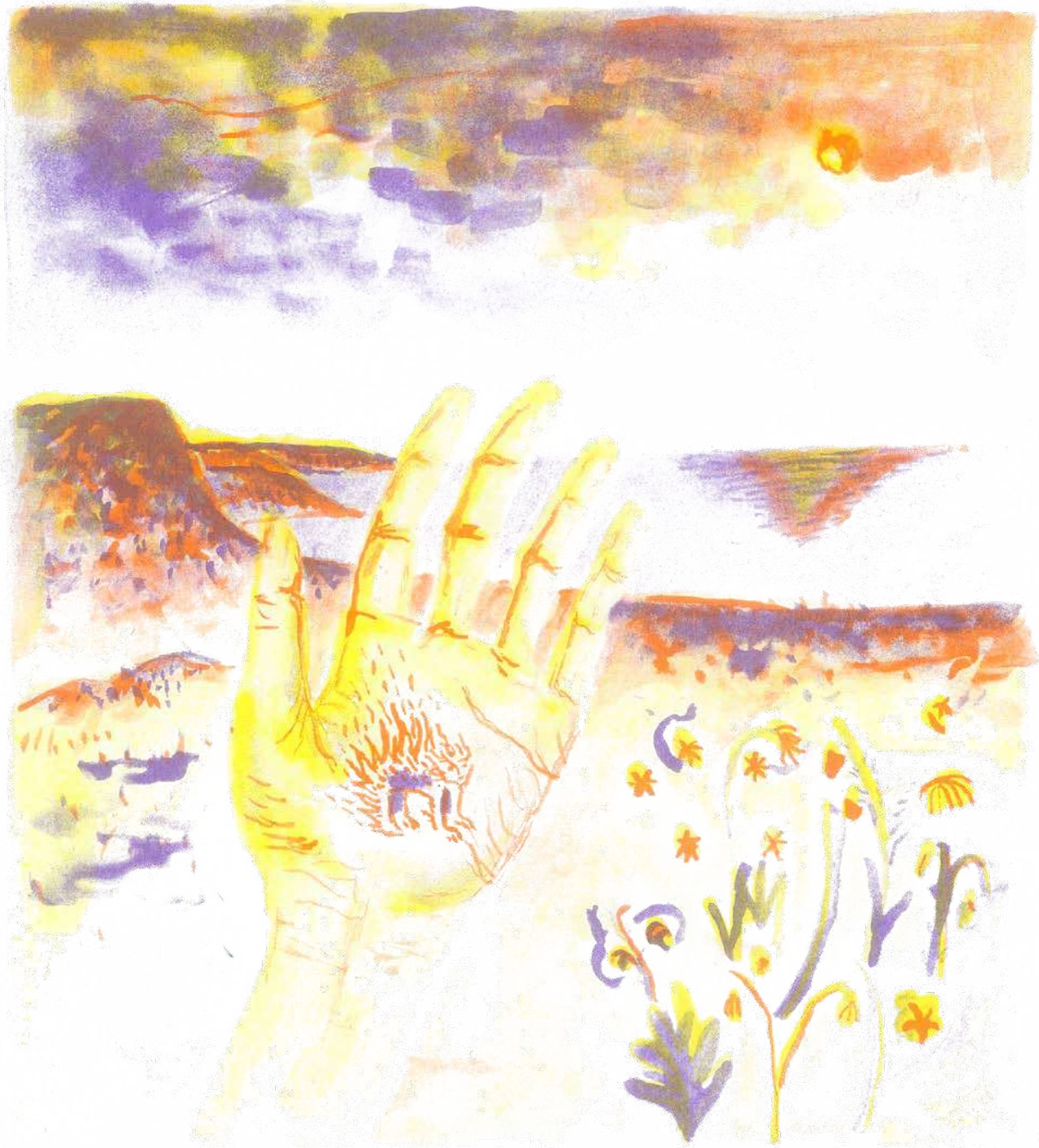
écologie  
écologie  
écologie  
écho logis  
gît.

In the palm of my hand  
a bird  
twigs  
a small tear  
next to a small flame  
and the two shine together

ecology  
ecology  
ecology  
eco logy  
lies.

Na palma da minha mão  
um pássaro  
galhos  
uma pequena lágrima  
ao lado de uma pequena chama  
e os dois brilham juntos

ecologia  
ecologia  
ecologia  
eco loja  
gira.



OUVIR  
LISTEN  
ÉCOUTER



URGENCE ECOLOGIQUE  
Aller vite, courir ... où?  
Aller doucement, essayer de comprendre l'extérieur et l'intérieur  
Transformer la matière, sortir le capitalisme de mon sang  
Trouver de nouveaux prismes, penser et connecter autrement  
Admirer les activistes, réussir à trouver sa place  
Connecter avec le grand tout, avec notre voisin  
Parler de la pluie, de la moisissure créative...

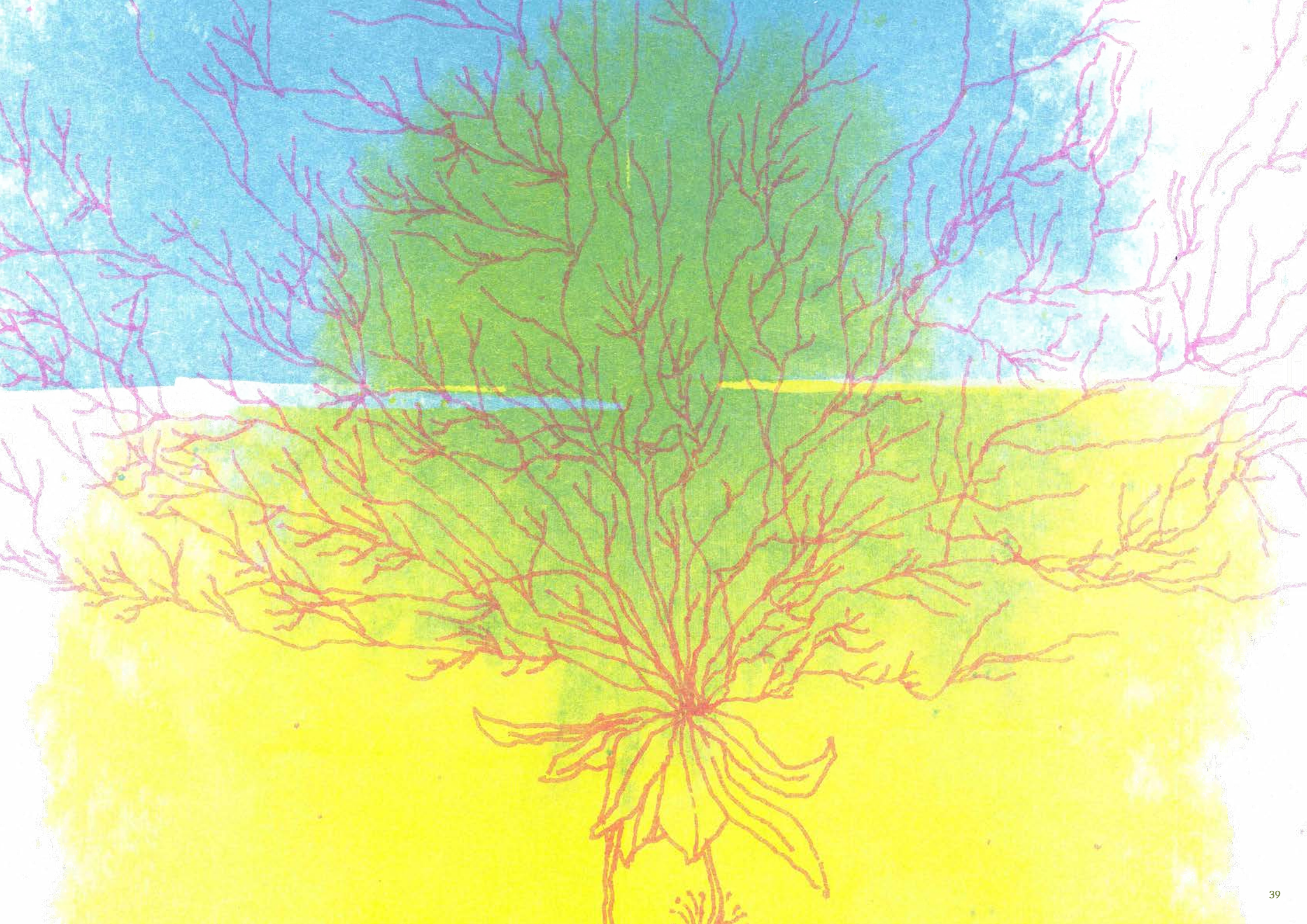
«Lorsque la rouille se dépose sur la lame d'un rasoir, lorsqu'un mur se couvre de moisissure, lorsque l'herbe apparaît dans le coin d'une pièce et arrondit les angles géométriques, il faut se réjouir de voir qu'avec les microbes et les champignons, c'est la vie qui entre dans la maison.  
(...) il faudra répandre sur les parois de verre propres et les surfaces lisses de béton un produit de décomposition afin que le champignon de la moisissure puisse s'y fixer.  
++ Il est temps que l'industrie reconnaisse que sa mission fondamentale est de pratiquer la moisissure créative!  
L'industrie se doit maintenant d'éveiller chez ses spécialistes, ses ingénieurs et diplômés le sentiment d'une responsabilité morale à l'égard de la moisissure.  
Seuls les techniciens et les scientifiques qui sont capables de vivre dans la moisissure et de créer avec l'aide et au moyen de la moisissure seront les maîtres de demain.  
Et c'est seulement à la suite de la moisissure créative dont nous avons beaucoup à apprendre que naîtra une architecture nouvelle et merveilleuse».  
(Extrait du Manifeste de la moisissure contre le rationalisme en architecture de Friedensreich Hundertwasser, 1958)

ECOLOGICAL EMERGENCY  
Go fast, run... where?  
Go slowly, try to understand the outside and the inside  
Transform matter, get capitalism out of my blood  
Find new perspectives, think and connect differently  
Admire activists, manage to find my place  
Connect with the greater whole, with my neighbor  
Talk about rain, creative mold...

«When rust sets in on a razor blade, when a wall starts to get mouldy, when moss grows in a corner of a room, rounding its geometric angles, we should be glad because, together with the microbes and fungi, life is moving into the house  
(...) a decomposing solution should be poured over all those glass walls and smooth concrete surfaces, so the moulding process can set in.  
++ It is time for industry to recognise its fundamental mission, which is to engage in creative moulding!  
It is now the task of industry to engender in its specialists, engineers and doctors a feeling of moral responsibility towards moulding.  
Only the engineers and scientists who are capable of living in mould and producing mould creatively will be the masters of tomorrow. ++  
And only after creative moulding, from which we have much to learn, will a new and wonderful architecture come about.».  
(Extract from Mouldiness Manifesto Against Rationalism in Architecture by Friedensreich Hundertwasser, 1958)

EMERGÊNCIA ECOLÓGICA  
Ir depressa. Sempre a correr. Para onde?  
Ir devagar. Tentar abarcar o exterior e o interior.  
Transformar a matéria.  
Retirar o capitalismo do meu sangue.  
Encontrar novos prismas.  
Pensar e ligar de outra forma.  
Admirar os activistas.  
Encontrar o lugar certo.  
Ligarmo-nos ao todo, ao vizinho próximo.  
Falar da chuva, do bolor criativo...

«Quando a ferrugem ataca a lâmina de barbear, quando o mofo forma-se num muro, quando o musgo nasce num canto e atenua os ângulos, nós deveríamos nos alegrar de que a vida microbiótica entra na casa  
(...) uma substância corrosiva deveria ser jogada nos muros de vidro e superfícies de concreto liso para permitir ao mofo que se fixe sobre eles.  
++ É tempo de que a indústria reconheça que a missão fundamental é a produção do mofo criativo!  
É preciso que agora a indústria desenvolva, entre seus especialistas, engenheiros e doutores, responsabilidades para a produção de um mofo criativo...  
Só os sábios e os engenheiros capazes de viver no mofo e de produzir mofo criativo serão os mestres do amanhã. ++  
Somente depois que todas as coisas sejam recobertas de mofo criativo, sobre o qual nós temos muito a aprender, uma nova e maravilhosa arquitetura nascerá.».  
(Extrato do Manifesto do Mofo contra o racionalismo em Arquitetura de Friedensreich Hundertwasser, 1958)



E se a arte fosse solo fértil?

O que acontece quando paramos para escutar o que nos rodeia — as plantas, os sons, os silêncios, os outros?

Quando a arte deixa de ser objeto para se tornar relação?

Criar hoje é também tomar posição.  
Há uma urgência partilhada: fazer com o que temos, cuidar do que usamos, desacelerar.  
Mas também: sustentar vínculos, escutar afetos, cuidar do invisível que atravessa o corpo, o coletivo, a mente.

Nestes encontros e trocas, emergiu uma prática que não se reduz à forma.  
É uma maneira de fazer onde o tempo abranda, os processos se tornam mais atentos, e o cuidado se manifesta em pequenas escolhas.

Criação como escuta. Como espaço comum.  
Como gesto que liga, como meio de presença.  
Uma prática que se tece entre pessoas, saberes, territórios e histórias — que valoriza o que já existe, o que sobra, o que parecia inútil.

É também um espaço mental: onde repensamos o que habitamos, como nos afetamos, o que deixamos entrar, o que decidimos transformar.  
Uma prática que acolhe a fragilidade, o desequilíbrio, o não-saber.

Não há respostas fechadas.  
Só perguntas que insistem:  
Como criar sem repetir fórmulas?  
Como resistir à lógica do mercado sem deixar de fazer?  
Como cultivar relações verdadeiras num tempo acelerado?

Cada gesto conta.  
Cada tentativa é uma semente.  
Talvez a arte seja isso — um terreno fértil onde nasce algo que ainda não tem nome, mas que nos liga.

What if art were fertile soil?  
  
What happens when we stop to listen to what surrounds us - the plants, the sounds, the silence, the others, one another?

When does art cease to be an object and become a relationship?

To create is also to take a stand.  
There is a shared urgency. To work with what we have, to take care of what we use, to slow down.  
But also: to sustain bonds, to listen to affections, to tend to the invisible which runs through the body, the collective, the mind.

In these encounters and exchanges, a practice emerges which cannot be reduced to form.  
Rather, it is a way of doing, where time slows down, processes deepen, and care is revealed in subtle choices.

Creation as listening. As common ground.  
A gesture of connection. A means of presence.  
A practice woven between people, knowledge, territory, and stories — one that values what already exists, what remains, what was once seen as useless.

It is also a mental space: where we rethink what we inhabit, how we affect and are affected, what we allow in, and what we choose to transform.  
A practice that welcomes fragility, imbalance, and the unknown.

There are no conclusive answers.  
Only questions that persist:  
How do we create without repeating formulas?  
How do we resist the logic of the market without ceasing to create?  
How do we cultivate genuine relationship in such fast paced times?

Every gesture matters.  
Every attempt is a seed.  
Perhaps art is this — a fertile soil where something nameless is born, connecting us.



Lisboa Lisbon Lisbonne & São Gregório, Portugal  
<https://www.instagram.com/ritaqtthomaz/>

Et si l'art était un terreau fertile

Que se passe-t-il lorsque nous nous arrêtons pour écouter ce qui nous entoure - les plantes, les sons, le silence, les autres, les uns les autres ?

Quand l'art cesse d'être un objet pour devenir une relation ?

Créer, c'est aussi prendre position.  
Il y a une urgence partagée. Faire avec ce que l'on a, prendre soin de ce que l'on utilise, ralentir.  
Mais aussi : soutenir les liens, écouter les affects, soigner l'invisible qui traverse le corps, le collectif, l'esprit.

Dans ces rencontres et ces échanges, une pratique émerge qui ne se réduit pas à une forme.  
C'est plutôt une manière de faire, où le temps ralentit, où les processus s'approfondissent, où l'attention se révèle dans des choix subtils.

La création comme écoute. Comme un terrain d'entente.  
Un geste de connexion. Un moyen de présence.  
Une pratique tissée entre les personnes, les connaissances, les territoires et les histoires - une pratique qui valorise ce qui existe déjà, ce qui reste, ce qui était autrefois considéré comme inutile.

C'est aussi un espace mental : où nous repensons ce que nous habitons, comment nous affectons et sommes affectés, ce que nous laissons entrer et ce que nous choisissons de transformer.  
Une pratique qui accueille la fragilité, le déséquilibre et l'inconnu.

Il n'y a pas de réponses concluantes.  
Il n'y a que des questions qui persistent :  
Comment créer sans répéter des formules ?  
Comment résister à la logique du marché sans cesser de créer ?  
Comment cultiver une relation authentique à une époque où tout va si vite ?

Chaque geste compte.  
Chaque tentative est une graine.  
L'art est peut-être cela : un sol fertile où naît quelque chose d'anonyme, qui nous relie les uns aux autres.



# referências

# references

# références

## André ALMEIDA E SOUSA

. Herman Melville, «Moby Dick»

. Henry David Thoreau, «Walden ou a vida nos bosques» / «Walden, or Life in the Woods» / «Walden ou la Vie dans les Bois»

. Roberto Bolaño, «A Universidade Desconhecida» / «The Unknown University» / «L'Université inconnue»

. Karl Ove Knausgaard, «The Third Realm» / «Le troisième royaume»

## Nina FRASER

. Yasmine Ostendorf - Rodriguez, «Let's become fungal !»

## Mélanie MÉTIER

. R. Murray Schafer, «A Paisagem Sonora» / «The Soundscape» / «Le paysage sonore»

. François Bonnet, «The Order of Sounds: A Sonorous Archipelago» / «Les mots et les sons : un archipel sonore»

. Maurice Merleau-Ponty, «Fenomenologia da Percepção» / «Phenomenology of Perception» / «Phénoménologie de la perception»

. Jean-Luc Godard, «Hélas pour moi»

## Aurore PÉLISSON

. Hundertwasser, «Manifesto do Mofo contra o racionalismo em Arquitetura» / «Mouldiness Manifesto Against Rationalism in Architecture» / «Manifeste de la moisissure contre le rationalisme dans l'architecture»

## Rita THOMAZ

. Olivier Sacks, «A Ilha sem Cor» / «The Island of the Colorblind» / «L'île en noir et blanc»

. Olivier Sacks, «O Rio da Consciência» / «The River of Consciousness» / «Le silence du fleuve»

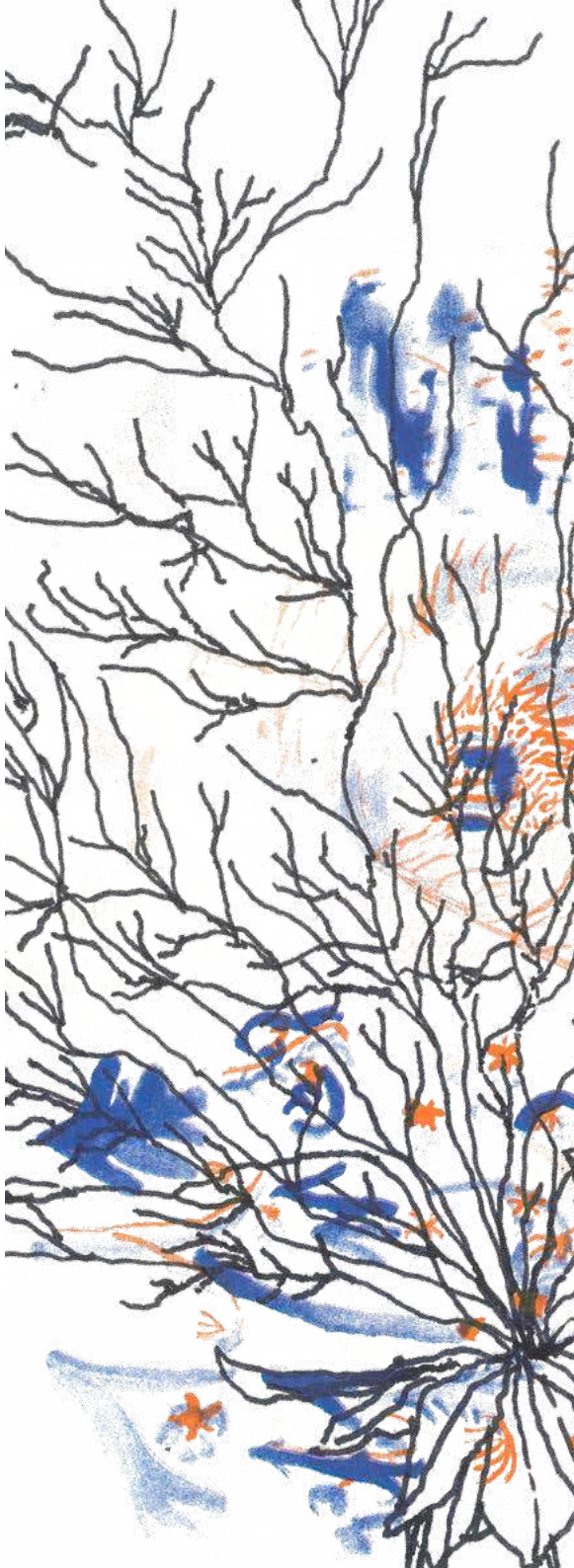
. Joy Boutrup, Chatarine Ellis, «The Art and Science of Natural Dyes: Principles, Experiments, and Results»

. Hubert Reeves, «The Herbarium» / «J'ai vu une fleur sauvage: L'herbier de Malicorne»

. Alexandra David-Neel, «My Journey to Lhasa» / «Voyage d'une Parisienne à Lhasa»

. Rita Buchanan, «A Weaver's Garden: Growing Plants for Natural Dyes and Fibers»

. Ralph Waldo Emerson, «Self-Reliance, Nature and Other Essays»



## CHEFES DE PROJECTO / PROJECT LEADERS / CHEFFES DE PROJET

### Constance Juliette Meffre (D.D.A. Contemporary Art)

Constance Juliette Meffre é produtora de arte contemporânea e diretora artística, com base em Marselha. Em 2012, fundou a D.D.A. Contemporary Art, uma estrutura que ainda dirige e que apoia a criação contemporânea por meio da produção de obras, exposições e eventos. Em 2019, cofundou e codirigiu os Ateliers JEANNE BARRET, localizados no 15º arrondissement de Marselha — um espaço de experimentação, criação e difusão voltado para os moradores do seu bairro.

Constance Juliette Meffre is a contemporary art producer and art director based in Marseille. In 2012, she founded D.D.A. Contemporary Art, an organization that supports contemporary creation through the production of artworks, exhibitions, and events, which she continues to direct. In 2019, she co-founded and co-directed Les Ateliers JEANNE BARRET, located in Marseille's 15th arrondissement—an experimental space for creation and dissemination, with a strong focus on the local community.

Constance Juliette Meffre est productrice d'art contemporain et directrice artistique, basée à Marseille. En 2012, elle a fondé D.D.A. Contemporary Art, une structure qu'elle dirige toujours et qui soutient la création contemporaine à travers la production d'œuvres, d'expositions et d'événements. En 2019, elle a cofondé et codirigé Les Ateliers JEANNE BARRET, situés dans le 15e arrondissement de Marseille — un lieu d'expérimentation, de création et de diffusion, tourné vers les habitant·e·s de son quartier.

### Sandrine Llouquet (O Gabinete de Madame Thao)

Sandrine Llouquet é artista visual, formada pela Villa Arson, em Nice. É cofundadora da associação Wonderful e da publicação 5ème Mur, em Bordeaux. Mudou-se posteriormente para o Vietname, onde cofundou o Atelier Wonderful, em 2005, e o coletivo de artistas Mogas Station, em 2006. De 2016 a 2019, foi diretora do museu Salon Saigon, na cidade de Ho Chi Minh. Atualmente baseada em Lisboa, lançou O Gabinete de Madame Thao em 2021.

Sandrine Llouquet is a visual artist who graduated from the Villa Arson in Nice. She is co-founder of the Wonderful association and the “5ème Mur” publication in Bordeaux. She then moved to Vietnam, where she co-founded the “Atelier Wonderful” in 2005 and the “Mogas Station” artists’ collective in 2006. From 2016 to 2019, she was director of the museum “Salon Saigon” museum in Ho Chi Minh City. Currently based in Lisbon, she launched O Gabinete de Madame Thao in 2021.

Sandrine Llouquet est artiste plasticienne, diplômée de la Villa Arson à Nice. Elle est cofondatrice de l'association Wonderful et de la publication 5ème Mur à Bordeaux. Elle s'est ensuite installée au Vietnam, où elle a cofondé l'Atelier Wonderful en 2005, puis le collectif d'artistes Mogas Station en 2006. De 2016 à 2019, elle a été directrice du musée Salon Saigon à Hô Chi Minh-Ville. Désormais basée à Lisbonne, elle a lancé O Gabinete de Madame Thao en 2021.

# equipa

# team

# équipe

## ASSISTENTES / ASSISTANTS / ASSISTANTES

### Mélanie Legas (D.D.A. Contemporary Art)

Mélanie Legas é uma profissional multifacetada, com atuação nos setores económico, cultural, urbano e social. Há mais de 15 anos, dedica-se à promoção da igualdade de oportunidades, à educação sensível e à coesão territorial.

Mélanie Legas is a multi-skilled, multi-sector professional (economic, cultural, urban and social). For over 15 years, she has been involved in equal opportunity, sensitive education and territorial cohesion.

Mélanie Legas est une professionnelle aux compétences pluridisciplinaires, intervenant dans les secteurs économique, culturel, urbain et social. Depuis plus de 15 ans, elle s'engage en faveur de l'égalité des chances, de l'éducation à la sensibilité et de la cohésion territoriale.

### Charlotte Patoux (O Gabinete de Madame Thao)

Apaixonada por arte e cultura, Charlotte Patoux realizou um estágio no Vietname com Sandrine Llouquet há sete anos. Ela trabalhou depois em Bruxelas como produtora de eventos culturais. Em abril, juntou-se à OGMT, apaixonou-se por Lisboa e decidiu ficar para desenvolver novos projetos culturais.

Passionate about art and culture, Charlotte Patoux completed an internship in Vietnam with Sandrine Llouquet seven years ago. She then worked in Brussels as a producer of cultural events. In April, she joined OGMT, fell in love with Lisbon and decided to stay on to develop new cultural projects.

Passionnée d'art et de culture, Charlotte Patoux a effectué un stage au Vietnam auprès de Sandrine Llouquet il y a sept ans. Elle a ensuite travaillé à Bruxelles en tant que productrice d'événements culturels. En avril, elle a rejoint OGMT, est tombée amoureuse de Lisbonne et a décidé d'y rester pour développer de nouveaux projets culturels.

## DDA Contemporary Art

D.D.A CONTEMPORARY ART, fundada em 2012 em Marselha, é uma plataforma artística inclusiva que se dedica a apoiar a arte contemporânea e acompanha vários artistas no desenvolvimento do seu percurso artístico e pessoal. Desde 2021, desenvolve projetos de ação social e procura facilitar o acesso às novas tecnologias a um público desadaptado. Procura também recuperar tecnologias ancestrais tendo consciência das suas inúmeras mutações. Desde 2019, a ligação entre arte e natureza e os diferentes tipos de ecologia, surgem como eixos fundamentais nas escolhas programáticas desta plataforma.

A DDA, desde o início da sua criação, cria programas de mobilidade, de residências internacionais e intercâmbios, promovendo assim um movimento específico onde se quebram barreiras físicas e culturais e, ao mesmo tempo, desenvolvem-se carreiras artísticas numa escala global. Presentemente, promove um sistema experimental de administração partilhada e colectiva em parceria com o projecto Jeanne Barret - Marselha (15º arrondissement), um espaço de 1500 m2 para a divulgação e experimentação da arte em conjunto com os residentes locais.

A DDA, tem, como um dos principais focos da sua filosofia, procurado perceber e incluir o lugar da tecnologia na nossa sociedade e, nos últimos 8 anos, promover ligações entre arte e natureza, como é exemplar, o seu projeto de investigação distópico sobre as abelhas e a tecnologia. De referir também, e com base no Congresso Mundial de Conservação da IUCN decorrido em Marselha em 2020, a sua participação na organização do evento “Métaboles”, que, nesta era de desequilíbrios de saúde e de relações compartimentadas com o mundo (tanto inter-humanos como inter-espécies), abordou noções de sustentabilidade, resiliência e os efeitos do capitaloceno sobre outros seres vivos.

A DDA acompanha artistas visuais e sonoros nos seus projetos de investigação e produção, identificando as suas necessidades financeiras, técnicas e humanas, procurando fornecer soluções concretas, sempre com vista à abertura ao mundo. Os artistas apoiados são maioritariamente jovens recém-formados em escolas de arte, artistas, incluindo curadores e investigadores em vários estágios de carreira.

Nos últimos 2 anos, com estes grupos de artistas, a DDA tem vindo a oferecer workshops de arte a um público “prioritário”, seja ele de distritos urbanos prioritários ou de zonas rurais. A DDA estabelece presentemente, parcerias com organizações sociais e autoridades locais.

D.D.A CONTEMPORARY ART, founded in 2012 in Marseille, is an inclusive artistic platform dedicated to supporting contemporary art and accompanying artists. It has been developing a social action axis since 2021. It focuses its actions and reflections around questions linked to the hijacking of technologies, ancestral technologies and their mutations. Since 2019, the links between art and nature, the consideration of the living, the different types of ecology, are the axes that inspire these programmatic choices.

Since its creation, mobility, international residencies and exchange programs have been set up to promote movement as a means of breaking down barriers and developing careers on a different scale. An associate partner since 2019 at Jeanne Barret - Marseille (15th arrondissement), a 1500 m2 space for the dissemination and experimentation of art in conjunction with local residents, it is experimenting with collective governance.

DDA focuses on the place of technology in our society and, for the past 8 years, on the links between art and nature, since its dystopian research project on bees and technology. Then, based on the IUCN World Conservation Congress to be held in Marseille in 2020, an event called “Métaboles” was organized, which, in this era of health imbalances and compartmentalized relations to the world (both inter-human and inter-species), addressed notions of sustainability, resilience and the effects of the capitalocene on other living beings.

DDA accompanies visual and sound artists in their research and production projects, identifying their needs (financial, technical and human) and trying to provide concrete solutions, always with a view to opening up to the world. The artists supported are young art school graduates, mid-career and advanced artists, curators and researchers.

For the past 2 years, with these groups of artists, DDA has been giving art workshops to a “priority” audience, whether they come from priority urban districts or rural areas. They are organized in partnership with social organizations and local authorities.

D.D.A CONTEMPORARY ART créée en 2012 à Marseille est une plateforme artistique inclusive dédiée au soutien à l’art contemporain et à l’accompagnement des artistes. Elle développe un axe d’actions sociales depuis 2021. Elle concentre ses actions et réflexions autour des questionnements liés aux détournements des technologies, aux technologies ancestrales et à leurs mutations. Depuis 2019, les liens entre l’art et la nature, la prise en compte du vivant, les différents types d’écologie, sont des axes qui inspirent ces choix programmatiques.

Depuis sa création, des expériences de mobilité, de résidences internationales, d’échanges sont mises en place pour favoriser le mouvement comme outil de décloisonnement et pour permettre le développement de carrière à une autre échelle. Partenaire associée depuis 2019 à Jeanne Barret - Marseille (15ème arr.), un espace de 1500 m2, de diffusion et d’expérimentation en art en lien avec les habitants, elle y expérimente la gouvernance collective.

DDA oriente ses réflexions sur la place des technologies dans notre société et, depuis 8 ans, sur les liens entre art et nature, depuis son projet de recherche dystopique autour des abeilles et des technologies. Puis, à partir du Congrès mondial de la nature de l’UICN organisé à Marseille en 2020, un événement appelé “Métaboles” a été organisé, qui abordait dans cette ère de déséquilibre sanitaire et de cloisonnement des relations au monde (inter-humaines comme inter-espèces) des réflexions autour des notions de soutenabilité, de résilience et des effets du capitalocène sur les autres êtres vivants.

DDA accompagne des artistes visuels et sonores dans leur projet de recherche et de production, en identifiant leurs besoins (financiers, techniques et humains) et en essayant d’apporter des solutions concrètes, toujours dans une dimension d’ouverture sur le monde. Les artistes soutenus sont les jeunes diplômés sortant d’écoles d’art, les artistes en milieu de carrière et avancé, les commissaires d’exposition, les chercheurs.ses.

Depuis 2 ans, avec ces groupes d’artistes, DDA donne des ateliers artistiques à un public dits “prioritaires”, qu’ils soient issus des quartiers prioritaires de la ville et des zones rurales. Ils sont organisés en partenariat avec des organisations sociales et des collectivités.



## O Gabinete de Madame Thao

O Gabinete de Madame Thao (OGMT) est un espace d’art indépendant basé à Lisbonne, engagé dans la promotion d’une création contemporaine exigeante, tout en restant attentive aux dynamiques de transmission, d’échange et de proximité. Pensé comme un lieu de rencontre, OGMT propose un programme d’expositions, d’ateliers et d’événements pluridisciplinaires qui favorisent le dialogue entre les artistes et les publics.

L’équipe d’OGMT œuvre à rendre accessibles des pratiques artistiques parfois complexes, en proposant un accompagnement sensible et des dispositifs de médiation pensés pour encourager une relation vivante à l’art. Loin de toute simplification, il s’agit de créer les conditions d’une réception attentive, en cultivant l’écoute, la curiosité et le partage des expériences.

Dans cette optique, OGMT défend des valeurs de proximité, de simplicité dans les formes de relation, et d’audace — artistique comme intellectuelle. Son programme met principalement en lumière des artistes portugais, vietnamiens et français, en privilégiant les parcours émergents ou en développement.

Grâce à un réseau actif de collaborations avec des institutions et des professionnels en Europe et au-delà, OGMT accompagne les artistes dans la construction de leur trajectoire, en leur offrant un cadre de réflexion, de critique et de visibilité.

Enfin, des ateliers menés par des artistes sont régulièrement proposés aux enfants comme aux adultes, affirmant la volonté d’OGMT d’inscrire l’art dans le quotidien et d’ouvrir ses portes à des publics multiples, au-delà des cercles habituels de l’art contemporain.

O Gabinete de Madame Thao (OGMT) é um espaço de arte independente sediado em Lisboa, empenhado em promover práticas artísticas contemporâneas de uma forma exigente, fomentando simultaneamente o diálogo, a partilha de conhecimento e a proximidade. Concebido como um espaço de encontro, o OGMT propõe a programação de exposições, workshops e eventos multidisciplinares que estimulam o intercâmbio significativo entre artistas e público.

A equipa do OGMT trabalha para tornar acessíveis práticas artísticas por vezes complexas, oferecendo um acompanhamento atento e dispositivos de mediação pensados para favorecer uma relação viva e comprometida com a arte. Longe de qualquer simplificação, o objetivo é criar condições para uma receção aberta e sensível — cultivando a escuta, a curiosidade e a experiência partilhada.

Neste espírito, o OGMT defende valores de proximidade, simplicidade nas relações humanas e ousadia — tanto artística quanto intelectual. Na sua programação destacam-se artistas portugueses, vietnamitas e franceses, com especial atenção às trajetórias emergentes ou em consolidação.

Através de uma rede ativa de colaborações com instituições e profissionais, o OGMT acompanha os artistas na construção dos seus percursos, oferecendo um espaço de reflexão, de crítica e de visibilidade.

No OGMT, os workshops são realizados sobretudo por artistas para um público abrangente que inclui crianças e adultos, refletindo o compromisso do OGMT com a integração da arte no quotidiano e a abertura a um público amplo e diversificado, não se cingindo apenas aos circuitos habituais da arte contemporânea.

In this spirit, OGMT upholds values of proximity, simplicity in human relationships, and boldness—both artistic and intellectual. Its program primarily highlights Portuguese, Vietnamese, and French artists, with a focus on early- to mid-career trajectories.

Through an active network of collaborations with institutions and professionals across Europe and beyond, OGMT supports artists in shaping their path by providing a space for reflection, critique, and visibility.

Artist-led workshops are regularly organized for both children and adults, reflecting OGMT’s commitment to integrating art into everyday life and opening its doors to a wide and diverse audience, beyond the traditional circles of contemporary art.

**Agradecimentos / Acknowledgements /  
Remerciements**

Filipa Albino, André Almeida e Sousa, Jan Berger,  
Sofian Boutabaa, Annette Brinckerhoff, Pierre-Laurent  
Cassière, Marine Coutelas, Marion Dargier, Kaïs Dhif,  
Laurent Eisler, Maria Finders, Nina Fraser,  
Axelle Gisserot, Edouard Granero Lilia Jarasi, Jeanne  
Barret, Juliette Keller, Mathilde Laroche, Mélanie  
Legas, Betty London, Sébastien Mabile, Beatriz  
Manteigas, Mélanie Métier, Sorann Micollier,  
Cheb Mimo, Nans, Sonia Omakhir, Memo Omur,  
Charlotte Patoux, Aurore Pélisson, Nicolas Plesse,  
Anne-Sophie Popon, Océane Prudhomme,  
Memo Omur, Guillaume Stagnaro, Rita Thomaz, Alisha  
Tsoumbou Ward

**Créditos fotográficos / Photo credits /  
Crédits photographiques**

P. 6 - 7 ©João Quirino  
P. 15, 19 ©Lilia Jarasi  
© Artistas e equipa de projeto Labeco para todas as  
outras fotografias / Artists and Labeco project team  
for all other photos / Artistes et équipe du projet  
Labeco pour toutes les autres photos

**Imagem de capa / Cover image /  
Image de couverture & P. 28**

Testes de impressões em riso dos artistas Labeco /  
Tests of riso prints by Labeco artists / Test  
d'impressions riso des artistes du Labeco

**Um projeto / A project / Un projet**

DDA Contemporary Art  
& O Gabinete de Madame Thao  
financiado pela União Europeia / funded by the  
European Union / financé par l'Union européenne

**Coordenação editorial e de produção, direção  
artística & paginação / Editorial and production  
coordination, art direction & layout /  
Coordination éditoriale et de production,  
direction artistique & mise en page**

Sandrine Llouquet

**Criações riso / Riso creations / Créations riso**

P. 31: André Almeida e Sousa  
P. 33: Laurent Eisler  
P. 35: Nina Fraser  
P. 37: Mélanie Métier  
P. 39: Aurore Pélisson  
P. 41: Rita Thomaz

**Textos / Texts / Textes**

P. 4 - 6: Constance Juliette Meffre  
P. 8, 20: Sandrine Llouquet  
P. 14: Constance Juliette Meffre & Sandrine Llouquet  
P. 30: André Almeida e Sousa  
P. 32: Laurent Eisler  
P. 34: Nina Fraser  
P. 36: Mélanie Métier  
P. 38: Aurore Pélisson  
P. 40: Rita Thomaz

**Assistência à tradução / Translation assistance /  
Aide à la traduction**

André Almeida e Sousa  
Betty London  
Nina Fraser  
Rita Thomaz

**Parceiros / Partners / Partenaires**

<https://www.abaseescoladearte.pt>,  
<https://www.osso.pt>,  
<https://largo.residencias.com>,  
<https://www.weartinctoria.com>,  
<https://stolenbooks.pt>,  
<https://quintadasrelvas.pt>,  
<https://www.jeannebarret.com>,  
[https://www.instagram.com/noise\\_paper](https://www.instagram.com/noise_paper),  
<https://masbaudran.fr>,  
<https://www.luma.org/fr/arles/atelierluma.html>,  
<https://www.polymer-collectif.com>



Cooperative laboratory  
for artistic and ecological practices

**DIFFUSING  
DURABLE  
ART**

**CONTEMPORARY ART**



**Co-funded by  
the European Union**



O GABINETE DE MADAME THAO  
lisboa



**A BASE**

**OSSO**

**LARGO**  
RESIDÊNCIAS



**stolen books**



**JEANNE BARRET**



**mas  
baudran**

**L U M A  
A R L E S**

**polymer**



